

LUIS EDUARDO MATTA



# PASSAGEIRA 45

*O Vale dos Mistérios*



CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M385p

Matta, Luis Eduardo

Passageira 45 : o vale dos mistérios / Luis Eduardo Matta.  
- 1. ed. - Belo Horizonte, MG : Ed. Lê, 2015.  
200 p. : il.

ISBN 978-85-329-0806-3

1. Ficção infantojuvenil brasileira. I. Título.  
15-22008

CDD: 028.5

CDU: 087.5

20/04/2015

28/04/2015

## PASSAGEIRA<sup>45</sup>

Copyright 2015 Texto © Luis Eduardo de Albuquerque Sá Matta  
representado por AMS - Agenciamento Artístico, Cultural e Literário Ltda.

Editoria Executiva  
**José de Alencar Mayrink**  
**Lourdinha Mendes**

Coordenação de Produção  
**Vanderlucio Vieira**

Produção Editorial  
**Lilian Teixeira**

Projeto Gráfico,  
Ilustrações e Capa  
**Patricia Rezende**

Revisão  
**Amayi Koyano**  
**Libério Neves**

Direitos reservados à **Editora Lê Ltda.**  
Rua Januária, 437 :: Floresta  
31110-060 :: Belo Horizonte/MG  
Tel.: (31) 2517 3001 :: Fax: 2517 3003  
Site: [www.le.com.br](http://www.le.com.br)  
E-mail: [editora@le.com.br](mailto:editora@le.com.br)

Proibida a reprodução parcial ou total  
desta obra, por qualquer processo,  
sem autorização por escrito da editora.

Impresso no Brasil / *Printed in Brazil*

Impressão / Acabamento  
**Formato Artes Gráficas**

1ª Edição: 2015

Este livro está de acordo com a nova ortografia.



# PASSAGEIRA45

*O Vale dos Mistérios*

SU-  
MÁ-  
RIO

1. O ACIDENTE	13
2. VISITA INESPERADA	17
3. UMA POLTRONA VAZIA	27
4. TENSÃO NO BAZAR	33
5. A ADORÁVEL LIMÃOZINHO	39
6. NO GABINETE DO DELEGADO	47
7. INVESTIGAÇÃO NA INTERNET	53
8. PASSOS NA NOITE	63
9. DOIS DETETIVES NA RODOVIÁRIA	69
10. O ALÍVIO DUROU POUCO	77
11. ONDE ESTÁ JANUÁRIA?	85
12. UMA QUESTÃO DE HONRA	93
13. MARIDO DESCONFIADO	99
14. LARA REAGE	107
15. CORAÇÃO PARTIDO	117
16. INVASÃO SUSPEITA	123
17. A GRANDE CONSPIRAÇÃO	133
18. CONVERSA EM PARTICULAR	141
19. O MISTERIOSO CARRO PRETO	147
20. FUGINDO DO INIMIGO	153
21. SEQUESTRO	161
22. PERSEGUIÇÃO	169
23. NA OLARIA ABANDONADA	177
24. CHUVA DE PROCESSOS	185
25. PASSEIO ALEGRE DE BICICLETA	191



BOM JESUS DE VILA NOVA

RIO IRAÚ

LAGOA DA PEDRA OCA

LAGO IRAÚ

TABAPIRANGA

RIO IRAÚ

JURITI

CÓRREGO IRATIBA

RIO IRAÚ

LAGOA NOVA

LAGOA VELHA

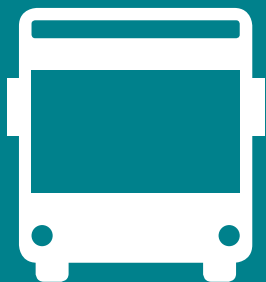
COSTA BRAVA

A stylized map of the Iraú River valley. The map is represented by a solid teal shape against a light gray background. The shape follows the coastline of the valley, with a jagged edge on the left side representing the Atlantic Ocean. The text 'MAPA DO VALE DO RIO IRAÚ' is centered in the teal area, and 'OCEANO ATLÂNTICO' is positioned in the lower-left teal area.

# MAPA DO VALE DO RIO IRAÚ

OCEANO ATLÂNTICO

PRÓ-  
LO-  
GO





## JURITI

*Segunda-feira, dia 5 – 11h30*

**P**uxando uma pequena mala de rodinhas e com uma bolsa pendurada no ombro, Januária chegou à sala e chamou pelo marido:

– Querido, já estou saindo!

Nelson estava na cozinha guardando a louça acumulada no corredor e correu para se despedir da esposa.

– Tem certeza mesmo de que não quer que eu te leve até a rodoviária?

– Não precisa – sorriu Januária. – Minha mala é pequena e posso perfeitamente ir de ônibus.

Nelson encolheu os ombros de uma forma engraçada.

– Então, eu te levo até o ponto de ônibus.

Januária riu. O carinho do marido a comovia.

– O ponto fica só a um quarteirão daqui. E você tem que ir para a cantina.

– Deixei a Inês cuidando de tudo lá – Inês era a gerente do restaurante. – Avisei que chegaria mais tarde hoje. Vamos, eu te ajudo a levar a mala. Pelo menos ficamos mais um tempinho juntos – Nelson, então, apanhou a alça da mala e completou, com ternura: – Vou sentir saudades.

Januária afagou carinhosamente o rosto dele com a mão.

– Serão só quatro dias. Na quinta estarei de volta a tempo de jantarmos juntos.

– Vou preparar aquele escondidinho de carne seca e aipim.

– Mal posso esperar – esse era o prato preferido de Januária e, em circunstâncias menos sérias, poderia fazê-la até desistir da viagem.

Mas não desta vez.

Essa viagem seria importante. Estava tudo já planejado. Ela não podia mais desistir.

E, além do mais, não havia como algo sair errado.

Dali a seis meses, ela e Nelson completariam quinze anos de casamento. Ambos tinham a mesma idade: 43, sendo que Januária fazia aniversário dois meses antes do marido. Ela sonhava com uma grande festa, mas, para isso, precisaria do dinheiro que estava prestes a receber.

Nelson pegou as chaves da casa e arrastou a mala de Januária porta afora. Era uma bela manhã de princípio de outono em Juriti, cidade de oitenta mil habitantes no vale do rio Iraú. Os dois caminharam pela rua de paralelepípedos margeada por calçadas estreitas, de cimento rachado, até o ponto de ônibus na esquina com a avenida principal do bairro. Em dois minutos, o ônibus apareceu.

— Esses dois primeiros dias em Bom Jesus vão ser muito corridos — disse Januária, fazendo sinal com a mão. — Se eu não conseguir ligar, não fique preocupado.

— Tudo bem — disse Nelson, compreensivo. — Boa viagem, querida.

Despediram-se com um beijo e um abraço. O ônibus parou e Januária entrou. Era a única passageira a embarcar ali.

Pela janela, ela ainda dirigiu um último aceno ao marido, antes de respirar fundo e constatar que a etapa final do plano, enfim, havia começado. O ônibus seguiu devagar por causa dos quebra-molas distribuídos ao longo da avenida. Quase não havia sinais de trânsito em Juriti e os poucos existentes ficavam todos no centro.

Januária conferiu os itens na sua bolsa, inclusive a passagem de ônibus para Bom Jesus de Vila Nova, que ela, estrategicamente, pedira ao marido que comprasse pela Internet. Sentiu um arrepio de expectativa. As horas seguintes seriam decisivas. Esperava, sinceramente, que ninguém nunca descobrisse nada.

Na chegada ao terminal rodoviário, Januária seguiu direto para o banheiro feminino. Trancou-se numa das cabines e, movendo-se

devagar por causa do espaço apertado, retirou a roupa que usava e vestiu outra. Teve o cuidado, também, de mudar os sapatos. Em seguida, prendeu os cabelos louros com grampos e com uma redinha e, por cima deles, pôs uma peruca preta. Enquanto isso, ouvia o movimento de mulheres que entravam e saíam do banheiro. Algumas conversavam entre si ou falavam ao celular.

Januária dobrou a roupa que vestia antes e guardou-a na mala. Colocou um par de óculos escuros e conferiu o relógio de pulso. Queria ficar o mínimo de tempo possível no terminal. Apenas o suficiente para atravessá-lo até a plataforma de embarque.

Pelo horário, o ônibus para Bom Jesus de Vila Nova já havia partido. O próximo, para Costa Brava, sairia em seguida e, neste, a passagem seria paga na hora, diretamente na mão do motorista. Ela esperou que o banheiro se esvaziasse para sair da cabine, cautelosa. Duvidava que alguém a reconhecesse de longe, mas, caso algum amigo se aproximasse, poderia, sim, descobrir seu disfarce.

Ela deixou o banheiro e caminhou, depressa, rumo à plataforma 3, onde o ônibus para Costa Brava já estava ligado. Subiu com a mala e a bolsa. Era um ônibus comum, sem climatização, mas limpo e com poltronas macias. Felizmente, havia poucos passageiros.

Januária sentou-se bem no fundo. Desligou o celular. Não tornaria a ligá-lo antes de voltar a Juriti. Do mesmo modo que não usaria cartões de crédito nesse período e evitaria ao máximo fazer chamadas de telefones fixos. Telefones e cartões de crédito deixavam rastros e poderiam fazer com que ela fosse localizada. E essa era a última coisa que desejava.

Eram 13h10 quando o ônibus partiu. Na saída de Juriti, havia uma bifurcação. À esquerda, seguia-se para Costa Brava. À direita, para Bom Jesus de Vila Nova. Januária imaginou que o ônibus que deveria ter pegado estaria, naquela altura, passando pelo vizinho município de Tabapiranga, onde passara toda a tarde da última sexta-feira.

Ela não podia imaginar o que, dali a poucos minutos, aconteceria por lá.

Z

Z

Z

...



# 1

## O ACIDENTE

*Tabapiranga*

*Segunda-feira, dia 5. Começo da tarde.*

**F**elipe Lobato detestava ir à escola. Não porque desgostasse do ambiente, dos professores ou dos colegas. As razões eram principalmente duas: ele odiava acordar cedo (toda manhã era uma luta quase olímpica para se levantar) e tinha certa preguiça em estudar.

Principalmente matemática, física e, sobretudo, educação física.

Desde sempre, ele fora assim, mas, com a idade, a coisa piorou. Hoje, aos 14 anos e estudando no 9º ano, Felipe sentia-se numa prisão quando estava em sala de aula. E, praticamente toda semana, inventava algum pretexto para tentar escapar da escola. Mas, sua mãe, sendo inspetora de polícia, sacava a encenação no ato. Na última vez, por exemplo, Felipe começou a fingir uma tosse sonora, afirmando que estava muito gripado. A inspetora Eliana Lobato não pensou duas vezes em dizer:

– Você tem andado muito doente, filho – havia uma ponta de ironia na voz dela. – Isso não é bom. Vou ligar agora para o seu médico e marcar uma consulta para hoje.

– Acho que não precisa...

– Claro que precisa. Você agora deu para ficar doente toda semana. Estou preocupada. Pode levantar e começar a se arrumar. Vou marcar sua consulta no primeiro horário do médico, antes de eu ir para a delegacia.

Felipe sabia que a mãe falava sério e que não havia nenhuma possibilidade de continuar aconchegado naquela cama quentinha. Vinte minutos depois, ele, já montado em sua bicicleta, pedalava em direção à escola, sem mais nenhum vestígio de tosse.

O mais curioso era que Felipe destacava-se como bom aluno e jamais repetira o ano. Nunca fora o primeiro da turma, mas dificilmente tirava uma nota abaixo de 7. Do mesmo modo, suas notas mais altas raramente superavam o 8,5. O único 10 que tirara na vida fora numa prova de Geografia no 7º ano. Naquele dia, ele imaginou que sua mãe ficaria exultante, mas, quando chegou em casa com a notícia, ela se limitou a comentar que ele não fazia mais do que a obrigação; terminou de almoçar normalmente e voltou para o trabalho.

A favor de Felipe contava o fato de que ele gostava de ler. A leitura aumentava não só seu conhecimento sobre vários assuntos como também sua capacidade de concentração. Assim, ele conseguia prestar atenção máxima nas aulas, o que o poupava de se acabar de tanto estudar em casa. As explicações dos professores bastavam, na maioria das vezes. Só nas vésperas das provas bimestrais é que ele repassava, contrariadíssimo, parte das matérias mais odiadas, sentado à escrivaninha do seu quarto, antes de largar tudo depressa para mergulhar nas páginas do livro que estava lendo no momento ou dar uma navegada pela Internet.

No fim de semana, por sinal, ele havia começado um livro de aventura que prometia. Aliás, só prometia, porque de aventura mesmo quase não tinha nada. Felipe estava na metade da leitura e já querendo interrompê-la. Mas, antes, precisava saber se aconteceria alguma coisa daquela parte até o final.

Só Lara podia lhe dar essa informação, já que o livro fora indicação dela. Mas a amiga não tinha ido à aula naquele dia. Ela raramente faltava e, ao contrário dele, parecia gostar bastante da escola, apesar dos colegas implicantes. Felipe achou estranho, mas depois concluiu que todo mundo adoecia ou tinha imprevistos de vez em quando. Ou, então, ela ficara até tarde navegando na Internet. Lara

entendia muito de informática e sabia, como ninguém, usar todos os recursos que a Internet oferecia. Nada no ciberespaço parecia ser um mistério para ela.

Ao meio-dia e meia, o sinal tocou anunciando o fim do turno da manhã. Felipe despediu-se dos colegas e correu até a biblioteca. Ele pegara um livro emprestado há semanas e acabou estourando o prazo de devolução – encerrado na sexta-feira –, mas felizmente a bibliotecária relevou e não cobrou multa.

Felipe ainda se demorou um tempo por lá, dando uma espiada nas prateleiras e, depois, desceu até o galpão de serviço da escola. Lá, montou em sua bicicleta e deixou o Colégio Ateneu de Tabapiranga, situado quase na esquina com a Avenida Beira-Rio. Tudo o que ele precisava fazer era pedalar para o sul, em direção à sua casa, mas, em vez disso, Felipe foi até a Beira-Rio, atravessou a avenida e ficou parado no calçadão ao longo do Iraú, olhando para o outro lado.

A cidade de Tabapiranga era cortada, ao norte, pelo rio Iraú e pela autoestrada que a ligava às cidades de Bom Jesus de Vila Nova e Costa Brava. A leste, ficavam o centro e os bairros residenciais – a área urbana, por assim dizer. A oeste, da margem superior do rio para cima, a zona rural, onde predominavam sítios e fazendas. Na maior delas, conhecida como Casa Forte, morava Lara. A fazenda fora propriedade do pai dela, Jesuíno Azambuja, um dos homens mais ricos de todo o Vale do Iraú, falecido anos atrás.

Era para a direção da Casa Forte que Felipe olhava. De onde estava, ele podia avistar as copas das primeiras árvores da propriedade, plantadas ao redor da porteira. A sede da fazenda ficava bem mais além. Lara dizia pedalar cerca de vinte minutos todos os dias, até chegar ao portão. Era mais tempo do que ele levava de casa até a escola.

Felipe recebia uma brisa gostosa no rosto. A tardezinha estava quente e ensolarada. Ele não teria problema em se sentar ali no calçadão e ficar apreciando o rio e os carros na estrada, mas precisava ir para casa.

Ao fazer a volta com a bicicleta, Felipe ouviu um estrondo atrás de si. Seguiu-se uma gritaria geral. Um ônibus tinha adernado para fora da estrada, rompido a mureta de proteção e, agora, caía em direção ao Iraú. Felipe levou as mãos à cabeça, horrorizado, já antevendo uma catástrofe.

O ônibus aparentemente conseguiu frear quando as rodas dianteiras alcançaram a água. Mas foi uma freada brusca, além do que o veículo conseguiria suportar em pé. Na mesma hora, ele tombou para o lado, e o barulho de vidros se espatifando ecoou no ar.

Rapidamente, Felipe apanhou o celular e fez uma chamada para a delegacia:

— Alô, mãe? Sou eu. Estou na Beira-Rio. Acabou de acontecer um acidente horrível na estrada.